

Novo livro de poesia de Júlio Oliveira coloca leitores “entre a claustrofobia e a liberdade”



No dia 22 de Janeiro do próximo ano, o jovem lagoense Júlio Oliveira irá apresentar o seu mais recente livro de poesia, intitulado “O diagrama do escuro” que, para além de apresentar um novo pseudónimo do autor que conta actualmente com 21 anos de idade, irá também apresentar um novo estilo poético.

Com este novo estilo, onde são suprimidas as vírgulas, o jovem autor pretende também assumir uma nova postura, “não com os leitores, mas principalmente consigo próprio”, uma vez que apenas a “reinvenção” poderá, no entender de j. tavares, permitir-lhe seguir em frente e evoluir.

Assim, de acordo com aquilo que é adiantado por Júlio Oliveira, “este novo livro dá, assim, ao leitor a oportunidade, no escuro, de se sentir claustrofóbico: e de, nessa estreiteza, se sentir livre”, uma vez que na sua opinião “a poesia deve funcionar tal e qual como um

despertador: dolorosa, súbita, íngreme, mas dulcíssima e necessária”.

Assim, pegando no escuro, este livro “lança o premente desafio de nos rodearmos de luz porque só com luz se repela o escuro”.

No que toca a publicações passadas, o jovem escritor adianta que este mais recente livro se apresenta “bem mais maduro, com uma escrita mais reflexiva, mais cuidada, rigorosa - com um estilo também ele diferente”, sendo também um “livro bem mais pequeno, mas muito mais denso do que os anteriores”, um livro que deve – na opinião do autor – ser “lido e relido”.

Contudo, ao longo do seu percurso enquanto escritor – uma actividade que começou a desenvolver no ano de 2015, altura em que começara a escrever alguns versos – o jovem salienta que “nunca” terá sido motivado ou inspirado por alguém, inclusive na escola.

De acordo com o jovem escritor, a poesia deve actuar como um despertador. Por outras palavras, deve ser “dolorosa, súbita, íngreme mas dulcíssima e necessária”. Para além de este livro ser uma prova do “amadurecimento” enquanto escritor, Júlio Oliveira salienta que é também uma oportunidade para apresentar o seu novo pseudónimo e para assumir uma nova postura para consigo próprio.

Assim, buscou inspiração e motivação num fenómeno maior, a morte, que lhe permitiu atingir ao longo dos anos “uma relação de profundo bem-estar perante o trabalho poético-criativo”, tendo como ambição “superá-la” e, em simultâneo, conseguir inspirar as gerações futuras que lerão os seus livros e entenderão a sua posição em relação a muitos dos seus pensamentos mais profundos.

Quanto ao que o motiva a não parar de escrever, Júlio Oliveira afirma que esta é uma decisão predestinada pela “Natureza” e “pelos Deuses”, salientando por outro lado que é “um autor confinado às paredes do seu quarto” e que, por isso, a sua açorianidade apenas existe “da porta da rua para fora”, criticando também as fracas manifestações de cultura que acontecem com menor frequência nos dias que correm.

“Do mar salgado não o provo senão no Verão, não provo todo o fruto desta terra, não sou amante deste clima bipolar ou tripolar, não sou, como tantos afirmam ser, um «autor do ilhéu» nem me influencio pelo «ilhéu», porque confinado, quase todas as horas, às paredes da minha humilde casa - e delas, para fora, saio pouco, e, no pouco que saio, só vejo mais incultura, e manifestações, puras exteriorizações que me fazem crer que estamos, lentamente, a atingir um limite absurdo enquanto sociedade”, diz o autor.

Neste sentido, salienta que escreve a partir das coisas simples do quotidiano, sendo que no seu mais recente livro, “O diagrama do escuro”, o autor – também aluno no curso de Estudos Portugueses e Ingleses da Universidade dos Açores – parte “de uma experiência empírica

da luz de presença que eu tinha no meu quarto pelas noites fora quando era criança. E, a partir dessa ideia, de que devém o contraste luz-escuro, surgiram-me outras, e fui prosseguindo até construir um livro propriamente dito”.

Apesar de nem sempre ter sido um fã de leituras, Júlio Oliveira salienta que apesar de a escrita permitir o desenvolvimento da técnica, é a leitura que melhora a escrita e que permite em simultâneo desenvolver a técnica, sendo ainda um antídoto feroz daquilo a que chama de ignorância.

“A escrita tem uma funcionalidade especial: desenvolve a técnica. Mas a leitura melhora a escrita, que desenvolve a técnica. «Ler prejudica gravemente a ignorância», nunca se ouviu falar? A ignorância prolifera como uma infecção num corpo: rápida e ferozmente. Os políticos aproveitam-se dela para manejarem as nossas vidas. Mas eles também não têm noção de Cultura e de Conhecimento. De todo. É o total descrédito da democracia, tomada por um Triunfo dos Porcos - título de um livro de George Orwell -, que nos remete a todos para a incultura, a ignorância e a estupidez generalizadas”, diz o autor.

Jovens escritores sofrem com falta de apoio e de acompanhamento

Enquanto aspirante a poeta, Júlio Oliveira aconselha aqueles que desejam desenvolver a escrita simplesmente escrevam e leiam, “para que não se deixem enganar” e para que não se faça “desonrar e desmerecer a herança dos grandes pais Platão, Aristóteles, Pitágoras, Sócrates: já que eles trabalharam imenso, e

